

ELIANE ROBERT DE MORAES

ENTREVISTA



Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo, há mais de duas décadas o nome de **Eliane Robert Moraes** se consolidou como grande estudiosa da obra do Marquês de Sade. Referência sobre o autor, Eliane é autora de, entre outros, *Felicidade Libertina* (Imago, 1994, reeditado pela Iluminuras em 2015), *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina* (Iluminuras, 2006). Foi professora titular de Estética e Literatura na PUC-SP durante vários anos. Em 2010 passou a lecionar Literatura Brasileira na USP. Crítica literária prolífica, seu interesse abrange os surrealistas franceses e Georges Bataille, Mário de Andrade e Hilda Hist. No dia 23 de fevereiro de 2015, Eliane Robert de Moraes recebeu **Ana Luiza**

non plus n° 6 / 136 **⊗**



Reis Bedê e **Dirceu Magri** para uma entrevista na biblioteca de sua residência. Eis a seguir seus principais momentos.

ANA: Adentrando um pouco na história do século XVIII, em 1715, com a morte de Luís XIV e o início da Regência de Philippe d'Orleans, começa um período de liberação dos costumes. Isso terá repercussão na obra de Sade?

ELIANE: É um momento fundamental para se compreender Sade. Quando lemos os exemplos históricos que aparecem em sua obra, não aqueles criados por sua imaginação, vemos que ele bebe muito nessa época. Há, por exemplo, a figura do Príncipe Regente com toda a sua *entourage* libertina, há o Duque de Charolais, que é uma personagem da época, um príncipe de sangue, a quem o marquês é aparentado. Espirituoso, brilhante e violento, suas crueldades alimentaram a crônica da Regência e de Luís XV. Entre as muitas histórias sobre as atrocidades que cometeu, conta-se que assassinou uma criança doente, de seis ou oito meses, dandolhe uma aguardente para beber. Outra, que Sade menciona em *La philosophie dans le boudoir*, conta que, em 1723, ele matou um homem por pura diversão: voltando da caça, encontra um burguês parado em sua porta, e diz: "Vejamos se atiro bem naquele corpo!", apontando na sua direção e lançando-o ao chão.

Esse período antecede a própria vida do Sade, que nasce em 1740. São fatos do mundo que repercutem na nossa existência, mesmo quando ainda não estamos no mundo. Por exemplo, para a minha geração: a gente não viveu a Segunda Guerra, mas para a geração que nasceu nos anos cinquenta, a Segunda Guerra é uma sombra que nos persegue, a gente nasceu com aquele peso... Eu acho que no caso de Sade, esse momento anterior – que é um momento de abertura para toda essa libertinagem de costumes – é importante, e não só para ele, mas para toda a literatura.

ANA: Gostaria, então, que comentasse o conceito chave: o "libertino".

ELIANE: É um conceito do final do século XVII para o XVIII. Hoje a gente brinca e diz que fulano é libertino, mas isso não tem nada a ver com o que era ser libertino no século XVIII.

Eu acho que a libertinagem dessa época é uma sensibilidade muito densa, muito plural, e por vezes contraditória, muito rica. Não tem um só vetor: a ideia de libertinagem no século XVIII é um *réseau* porque você tem essa figura do libertino que tanto pode ser a de um homem de comportamento dissoluto, como pode ser um filósofo, um filósofo ateu por exemplo, e até mesmo um escritor, um ficcionista. E por vezes, tudo isso junto! Então essa palavra serve para definir uma série de tipos, é uma palavra que liga todos eles em torno de uma palavra irmã, que é liberdade. Liberdade de costumes, liberdade do pensamento, liberdade de ação. É uma liberdade radical, no que a liberdade tem de melhor e de pior... A cena que eu contei sobre o Duque de Charolais, aquilo, queiramos ou não é liberdade. Matar alguém por diversão é um exercício de liberdade para o libertino. É muito chocante isso! Mas isso fazia parte da então chamada libertinagem dos costumes, *des*

non plus n° 6 / 137 **★**

<u>non plus</u>

moeurs, que era distinta da libertinagem erudita, *d'esprit*, que cultivava a liberdade de pensamento, cultivada por filósofos como d'Holdach, La Mettrie e Buffon. Os libertinos eruditos flertavam com o ateísmo – que é uma criança no século XVIII, pois nasce nesse momento, final do XVII e começo do XVIII – que também representava uma forma de liberdade e talvez a maior delas na época: negar a existência de Deus. E há também a liberdade de criação, praticada pelo escritor libertino. Então a figura do libertino se assenta aí, e nesse sentido o marquês de Sade é uma figura paradigmática. Ele não só foi escritor e filósofo, mas também um "praticante" da libertinagem.

DIRCEU: Para Sade o homem faz o que quer, como quer e quando quer sem se importar com o outro. Podemos afirmar que para ele o homem age sem as travas do contrato social? Tomando-se o *Diálogo entre um padre e o moribundo* e 120 dias de Sodoma, houve uma evolução no pensamento de Sade?

ELIANE: A obra de Sade talvez seja a ficção mais bem acabada do que é ser livre. E não é a liberdade que se pode ter a partir do contrato. É uma ficção da liberdade absoluta. Gosto de dizer que Sade fala daquilo que o homem não é. Sua obra não oferece um retrato do que somos, mas sim do que nós não somos. Esse absoluto é um sonho, uma fabulação! E isso também dá muito medo.

Por exemplo, em *Diálogo entre um padre e o moribundo*, — escrito em 1782, na prisão de Vincennes, já está tudo lá. Não é aquele caso típico: "olha, esse é o primeiro texto, mais fraco, depois o autor vai melhorando". Não, já está tudo lá. Primeiro porque é o devasso moribundo que converte o padre. O padre vai lá para dar a ele a extrema unção e convertê-lo e, por fim, é o padre que acaba convertido à libertinagem. Há uma particularidade essencial nesse escrito que é a passagem do diálogo ao ato. No final do texto, há uma frase fundamental, que subverte a forma tradicional do diálogo filosófico e introduz uma narrativa na qual a ação toma o lugar do discurso: "O moribundo soa, as mulheres entram, e o padre tornase em seus braços um homem corrompido por natureza, por não ter sabido explicar o que é natureza corrompida".

Temos aí não só a morte de um ateu consequente, mas também o nascimento de um novo libertino, já que o padre se rende à tese do moribundo, o que lhe obriga igualmente a passar do conceito à experiência. É sob o signo dessa demonstração que a obra do marquês se inicia, já anunciando aquela alternância entre discurso e ação que se torna sua característica. Daí a importância da nota final do *Diálogo* que, ao realizar a passagem da teoria à prática, antecipa a novidade que a obra sadiana encerra. É isso que ele vai desenvolver depois em *Os 120 e vinte dias de Sodoma*, em *Juliette* e n'*A Filosofia na alcova*: toda a sua imensa obra sai dali. Como ele está trabalhando na chave do absoluto, então ele leva aquilo adiante, indefinidamente.

ANA: É importante conhecer a biografia de Sade para compreender a obra dele? **ELIANE:** Essa é uma pergunta difícil. Esse é um problema para a gente que trabalha com literatura, uma questão complicada para todos nós. Eu penso assim:

non plus n° 6 138 **⟨X**⟩

_____non_plus

não é necessário para a compreensão de nenhum texto que se conheça a biografia do escritor. Você pega um livro, abre, e lê. Você não precisa saber nada da vida do autor. Porém, quanto mais cultura você tiver sobre a época, melhor, porque há livros em que você perde muita coisa se não conhecer o contexto. E, por vezes, quando você conhece a biografia, aquilo também é uma riqueza! Isso vale para Sade, vale para Proust, vale para Machado de Assis, vale para Hilda Hilst, uma vez que se tenha o cuidado de não reduzir a obra à biografia. Eu trabalho com literatura erótica: por vezes deparo com criaturas muito castas que escrevem coisas extremamente obscenas! Ou seja, um escritor não precisa necessariamente ter uma vida dissoluta par escrever um texto dissoluto.

Adoro uma história do Buñuel, o cineasta, que conta ter sido convidado para uma orgia, e lá ele conheceu a mulher com quem se casou! O sujeito vai para uma orgia, que é o maior desregramento, e termina casado! (risos) Isso bagunça o jogo de causa e efeito, não é? Subverte o esperado. Assim também, vida e obra não estão necessariamente ligadas. Você pode ser uma pessoa de leve que escreve uma obra pesada e vice-versa. Enfim, a leitura da obra de Sade não depende do conhecimento da vida do autor, mas se o leitor conhecer essa biografia, ela pode nos contar muito sobre o século XVIII, sobre a singularidade dele como homem de Letras, sobre como o ateísmo dele se constrói – porque ele era uma ateu muito consequente. Para a gente que estuda o autor é um prato cheio a vida desse sujeito que passa mais de 30 anos escrevendo na prisão, movido por um desejo de liberdade sem precedentes, que transparece também nos seus hábitos, nas suas relações pessoais – tudo isso é de interesse, embora não seja obrigatório...

ANA: Por que Sade exerceu tanto fascínio em Apollinaire e, mais tarde, nos surrealistas?

ELIANE: Eu acho que é antes de tudo por essa busca de liberdade. Apollinaire vai dizer que Juliette é o ser mais livre que já existiu na face da terra. Em literatura nenhuma ele encontra uma personagem com tal grau de liberdade. Essa geração, que vai até os surrealistas, valoriza antes de tudo a liberdade da imaginação, a ideia de que a imaginação pode construir outros mundos. Porque o que Sade faz é construir um mundo paralelo, que não é o nosso mundo, e os surrealistas se encantavam com isso.

É o que acontece nos 120 dias de Sodoma. O castelo de Silling fica fora do mundo. Localizado no topo de imensa montanha da Floresta Negra, ele é contornado por um precipício de sessenta metros de largura por trezentos de altura que o isola de tal forma que só os pássaros poderiam atingi-lo não fosse uma pequena ponte de madeira que os libertinos destroem quando lá chegam. É em Silling que se reúnem os quatro protagonistas do livro, acompanhados de seus súditos, para ouvir e praticar as seiscentas paixões sexuais que o autor ordenadamente apresenta aos leitores. São quatro meses de orgias ininterruptas, programadas dentro de um rigoroso calendário. Para garantir o necessário isolamento, as tempestades de

non plus n° 6 139 **(**★)

_____non_plus

neve – também previstas no programa, que é posto em ação durante o inverno – contribuem para fazer cessar toda e qualquer possibilidade de comunicação com o mundo exterior.

Mas este não é um exemplo único na obra de Sade. Pelo contrário, há em seu texto uma profusão de fortalezas, celas, florestas, subterrâneos, países e castelos afastados do mundo que se desenrolam as cenas libertinas. Trata-se de um mundo à parte. Um outro mundo. Acho que essa ideia de criar um outro mundo é muito cara aos surrealistas e se conecta profundamente com sua busca do maravilhoso.

DIRCEU: Gostaria de saber a opinião da senhora sobre o erotismo em Sade. Por que em Sade o erotismo está invariavelmente associado à morte?

ELIANE: Para Sade há sempre algo de criminoso no desejo. O desejo é um movimento de ferocidade. Não existe desejo bonzinho e Sade expõe isso didaticamente para nós. É difícil aceitar isso, sem dúvida. Para Sade, na base do desejo, há um impulso que é um impulso feroz. Mas a ligação com a morte é complexa porque o personagem sadiano que está no centro da narrativa, o libertino, coloca em cena sempre a morte do outro, jamais a própria morte. Nenhum devasso se mata, não há suicídio entre eles. É sempre a morte do outro. Como o libertino deseja tudo, ele pode desejar a morte do outro.

"Eu queria devastar a terra inteira, vê-la coberta por meus cadáveres", diz um personagem sadiano. Então veja, o libertino é sempre essa figura do absoluto. Como tal, ele tem necessariamente que conhecer os domínios da morte para, inclusive, tentar dominá-la. N'A Filosofia na alcova há uma passagem que eu acho genial: é quando a Madame de Saint-Ange olha para Eugénie e pergunta: "Tens a loucura da imortalidade?" Ora, o que seria a "loucura da imortalidade" para um ateu?

A resposta de um ateu a essa pergunta supõe, com certeza, a capacidade do sujeito de fruir o presente da forma mais intensa, de tal modo que isso lhe dá a sensação de imortalidade, uma espécie de triunfo sobre a morte. Essa é uma das principais bases do pensamento sadiano, porque é a partir dela que se edifica todo o seu sistema.

ANA: Podemos dizer que, mesmo na França, a obra de Sade continuava no ostracismo até meados do século XX?

ELIANE: Temos que levar em consideração o seguinte: em meados do século XX, quando Jean-Jacques Pauvert (que faleceu ano passado) edita pela primeira vez a obra completa de Sade (a edição havia sido iniciada em 1949), ele é convocado pelo governo de De Gaulle ao tribunal por atentado aos bons costumes. Pauvert leva ao tribunal Georges Bataille, Jean Paulhan, Breton, Jean Cocteau... Ele leva alguns dos maiores intelectuais para depor em sua defesa. Isso em 1956! Ele ganha o processo e consegue prosseguir com a edição, mas a obra de Sade vai ficar proibida de vendas em livrarias até 1968. Então, com os movimentos libertários de 1968, Sade é liberto. Isso é tudo muito recente, muito recente...

Buñuel conta que o volume de *Justine* que ele tinha era roubado, foi roubado da Biblioteca Nacional... O Apollinaire, lá nos anos 1910, havia lido Sade porque frequentava o "inferno" da BNF. O "inferno" escondia e agregava todo um conjun-

non plus n° 6 140 **★**

to de livros eróticos, boa parte dele resultando na coleção *Les Maîtres de l'amour* criada por Apollinaire. Antes dele, até o final do século XIX, a leitura era muito escondida, mas muita gente leu o marquês, como Byron, Swinburne, Flaubert e outros. Seus livros eram passados clandestinamente de mão em mão, como objeto de culto. Então para se tornarem livros disponíveis, à disposição de estudantes em universidades, como temos hoje, vai levar muito tempo. É no pós-guerra que isso começa a acontecer, com a própria edição da obra completa por Pauvert, e com um grande interesse em torno de Sade, o que inclui as traduções em outros idiomas. A Segunda Guerra colocou questões que exigiram a leitura de Sade – a violência, a bestialização, a barbárie, o gosto pela crueldade... Não havia respostas à mão, o que suscitou também esse interesse.

ANA: Você fez sua dissertação de mestrado e sua tese na Filosofia (USP) sob a orientação de Renato Janine Ribeiro. Havia algum trabalho acadêmico de fôlego sobre o Sade antes do seu?

ELIANE: Não, e não quero dizer que o meu trabalho fosse de fôlego, mas não havia, simplesmente não havia.

ANA: Você disse em uma entrevista que leu Sade só em francês. Não havia tradução em português?

ELIANE: Não havia traduções, não se encontrava nada nos anos 1980. Aí comecei a procurar e achei uma ou outra coisa do passado -- e isso eu faço até hoje, vivo procurando traduções de Sade em português, inclusive para passar para os alunos. Fui descobrindo... descobri uma edição fora do comércio, uma edição privada, num sebo, tudo meio escondidinho. Ali nos anos 1970, naquele meio de contracultura, apesar de estarmos sob uma ditadura, bem, apareciam algumas traduções de excertos... mas fora da universidade. De fato, meu livro *A felicidade libertina* (dissertação de mestrado defendida em 1990 e publicada em 1992) foi o primeiro trabalho universitário, creio.

ANA: Na Filosofia da USP, Rousseau sempre foi coqueluche, seguido de Diderot e Voltaire. Agora as novas gerações estão se interessando por Sade?

ELIANE: Mas ninguém sabia que Sade existia! Isso é a reverberação de uma interdição. Em 2003, fui participar de um colóquio internacional nos Estados Unidos, na Universidade de Charleston, na Carolina do Norte, onde há um especialista em Sade. Havia gente do mundo inteiro, do Japão, de vários lugares da Europa... E eu fiquei impressionada com um depoimento: um professor de Stanford, na Califórnia, me disse que lá era literalmente proibido estudar Sade em sala de aula. Ele era professor de teatro e queria encenar Sade e, devido à proibição, ele fez a encenação no banheiro de Stanford! Curioso, não? Vários professores, de vários lugares do mundo, diziam que nunca tinham conseguido estudar Sade. E eu que na época trabalhava na PUC-SP até que dava umas aulinhas sobre a obra sadiana, e os participantes do colóquio não acreditavam e diziam: "Nossa, Universidade Católica! Você é professora em uma universidade católica e dá aula sobre

non plus n° 6 / 141 **⊗**

<u>non</u>plus

Sade!?" Pois, é... Mas, de forma geral, Sade não é autor um autor metabolizável, porque ele é muito pesado mesmo, não é? Aliás, ele não é metabolizável e essa é a grandeza dele. Sade resiste.

DIRCEU: Pode-se falar que alguns estudiosos como Georges Bataille, Pierre Klossowski e Simone de Beauvoir destituíram um pouco do horror de Sade?

ELIANE: Os três que você citou: Simone de Beauvoir, Klossowski e Bataille, nossa, esses eu acho que não... Eu acho que eles estão assim, cada um na sua... em seu mundo.

DIRCEU: E Barthes?

ELIANE: Barthes talvez. Barthes talvez a gente pudesse colocar nessa chave. Mas a Simone de Beauvoir, a reflexão maior que ela escreveu sobre ele (*Faut-il brûler Sade?*) é o texto de uma pessoa perplexa. A partir do título: ela está completamente perplexa. E Bataille muito menos, porque Bataille está envolvido naquele horror de Sade.

Barthes talvez, porque ele vai fazer uma coisa que é muito bonita, mas que de alguma forma pacifica Sade. Ele vai procurar o princípio da delicadeza na obra sadiana. Ele não está lendo exatamente o pensamento de Sade, ele está lendo a ficção.

DIRCEU: Durante o Colóquio (Colóquio Internacional Sade e o limite: 274 anos de transgressões, ocorrido em São Paulo, de 15 a 17 de dezembro de 2014), não sei se a Senhora observou, grande parte dos comunicadores se valeu de Pierre Klossowski como uma das principais referências para a compreensão do autor. Contudo, em sua última fala, o Professor Michel Delon, comenta que Klossowski vê algo de religioso em Sade, portanto não o toma como uma das mais importantes referências a Sade. A senhora vê um descompasso aí?

ELIANE: Concordo inteiramente. Eu acho que Michel Delon – aliás como eu e também outros intérpretes como a Annie Le Brun --, vem insistindo na compreensão da obra sadiana a partir do ateísmo de Sade. Consideramos todos que o sistema sadiano está assentado no ateísmo, e é a partir dele que a gente pensa Sade. Então, a reversão que Klossowski quer fazer, ela não nos convence. Delon chamou a atenção para o fato de que o próprio título do livro de Klossowski ,"Sade, meu semelhante", parodia o discurso cristão. Isso, para a leitora que eu sou, me parece o anti-Sade... Mas isso não quer dizer que você não encontre algo interessante na obra de Klossowski.

ANA: Em um de seus textos, você comenta que é bom ler *Eugénie de Franval*, *A Filosofia na alcova* e *Juliette*, é isso?

ELIANE: Porque aí você tem uma série: vai de um pequeno conto, uma novelinha, para um romance de quase 2000 páginas. Trata-se de uma filiação romanesca muito interessante. E é a mesma personagem, uma menininha perversa que é a Eugénie de Franval; depois há a Eugénie d'A Filosofia na alcova, e depois a Juliette, cuja história você acompanha desde criança – essa figura feminina absolutamente poderosa. É uma personagem que vai crescendo diante do leitor, ficando cada vez mais livre, mais imaginativa, mais libertina. Eu acho que é essa uma

non plus n° 6 142 **♦**

_____non plus

boa sequência para se ler, sempre com o cuidado de não banalizar o pensamento sadiano, não tomar Sade como um programa de ação, porque aquilo tudo se passe num mundo outro. E Juliette é, por excelência, a protagonista desse mundo.

DIRCEU: Sade não por surgir como uma leitura difícil, às vezes, justamente pela imaturidade do leitor? Por outro lado, Sade, não raro, é associado a algo pornográfico.

ELIANE: Tudo isso faz parte dos obstáculos contra os quais a gente está sempre lutando quando se está trabalhando com um autor como ele, não para torná-lo bonzinho, porque... veja, eu gosto muito de um texto em Bataille critica Sartre por transformar Genet num santo, justamente no Saint Genet, comédien et martyr. Na opinião de Bataille, o texto de Sartre opera uma limpeza em Genet, claro, de uma forma absurdamente bem feita, mas para ele equivocada. Para Bataille, a literatura de Genet "é culpada", e ela deve mesmo considerar-se e ser considerada culpada, pois é uma literatura "contra a sociedade." É aí que está sua força. E isso vale para Sade. Em nenhum momento aquilo vira uma coisa boazinha, mas está sempre se movimentando naquele avesso. Assim como não podemos banalizar autores como Genet ou Sade, tampouco podemos redimi-los, sob o preço de neutralizar sua radicalidade. Essa radicalidade alimenta interrogações muito importantes sobre os limites da nossa humanidade.

non plus n° 6 143 **♦**